

ARTESÃO: SUJEITO E OBJETO DE SEU TRABALHO

Reflexões sobre a cultura do povo como instrumento de transformação social

Até quando só saberemos ver na cultura popular os seus frágeis potes de barro e rústicos tecidos de tear ou suas singelas canções de ninar e danças devocionais?

Tem um rosto menos festivo e mais armado a outra face da cultura do povo. Cabe a nós nos desvendar de nossa visão míope e fragmentada e observar com profundidade a face oculta da cultura popular.

Fazer bordados, cestos e potes é atividade universal, mas não são universais as maneiras do fazer, nem o material com que se faz e nem as formas ou os padrões utilizados para fazê-los. A diversificação de técnicas empregadas e de formas obtidas, definem o caráter regional do artesanato. E a face visível do artesanato regional é a marca que o grupo social que o produz deixa impregnado e registrado no barro, couro, palha, madeira, fibras, linho, etc...

Na rotina do fazer artesanal esconde-se a continuidade histórica dos processos tradicionais e técnicas milenares, incorporados e padronizados pelo grupo e reinventados por cada artesão, a cada nova peça ou forma realizadas.

A execução das técnicas artesanais traz consigo a memória do cotidiano (síntese da sabedoria cristalizada no passado e no presente) e o clamor das necessidades básicas, misturados às condições locais, ao estilo e ritmo de vida vividos, à visão de mundo futuro e aos recursos naturais e disponibilidades materiais existentes.

O artesanato retrata, de um lado, a identidade cultural de diversificada população, dividida ente o sonho e a luta, o anseio de dias melhores e o fatalismo histórico da pobreza, a esperança e a submissão, a espera da vinda do Messias e a busca pelos direitos humanos, e, de outro lado, ele reflete a mediação, apropriação e reprodução desta cultura pelos órgãos e instituições públicas e particulares, locais e regionais.

Rico em formas, peças e produtos, de utilidade ou beleza, em cores e materiais variados, trabalhos em soluções simples ou complexas, o artesanato paradoxalmente é produzido por pobres e explorados artesãos na sua maioria tarefeiros tutelados e dependentes dos "benefícios" governamentais.

Do conflito latente e não solucionado entre as ações institucionais e os anseios e necessidades populares, sobressai o artesanato como um dos indicadores principais da dialética "cultura x desenvolvimento" e que podemos denominar Vida.

O artesanato é visto, apreciado e comprado aos pedaços, nas feiras, lojas e exposições, como é também em pedaços que nós conhecemos a vida do bóia-fria, do camponês, do meeiro, do operário, do sem-emprego, o trabalho do povo, os artifícios do seu viver e as canções sobre a morte e a vida. Entretanto os artesãos produzem, não pedaços de vida, mas formas completas em si mesmas de vida sofrida, de vida em festa, de vida em sonhos e de vida em busca.

O que nasce do contato das mãos com a argila, a taquara, o couro, o cedro, o algodão, a palha, a pedra é a tradição e a contemporaneidade de tantas culturas concretas, quantas são os seus artesãos.

Da ação do "homo faber", cria-se, em cada forma ou peça, a cultura possível, reflete-se o limite da vida, fortalece o trabalho popular de resistência cultural. Pois, quando o povo cria e resiste, a cultura popular é a matéria-prima para recriar a vida "a granel" e a pensá-la como um todo comunitário. É aí que o "eu" vira "nós", o menino vira amigo, o povo cria a classe, o artesão forma a associação, a vizinhança inventa o mutirão e o compadre vira companheiro.

Quando o camponês, o artesão, o operário oscila entre o "eu" e o "nós", a consciência e a cultura oscilam entre o sonho impossível e a utopia realizável, vagando entre o conto de fadas e as canções de luta. *"Juntos eles constroem os dois lados da cultura popular: o que reflete a vida do passado e o que pensa*

no futuro. Eles são os verdadeiros professores de uma educação de classe e, quando se educam a si próprios com a prática de que são parte, fazem avançar a consciência e a cultura de que são os guias"¹.

Em relação ao artesanato, cada passo na construção histórica do fazer a liberdade, consiste na técnica artesanal de maior valor cultural. *O fazer artesanal da Liberdade se aprende com a própria prática. A escola é a rua, a praça, o plenário e a comunidade a assembléia permanente. As aulas são as situações concretas do trabalho e vivências populares*².

O artesão, o camponês, o operário, o bóia-fria não aprendem as palavras e a gramática de sua própria liberdade nas páginas das cartilhas forjadas nos gabinetes dos burocratas ou acadêmicos comprometidos consigo mesmos, mas o seu aprendizado ocorre nos mesmos lugares e com as mesmas lições do cotidiano, de tristeza e alegria, prazer e dor, que converte o trabalhador, embrutecido pela exploração e marginalidade, em sujeito e crítico do seu próprio fazer e senhor de seu destino social.

Assim, milhares de trabalhadores-artesãos vivem hoje, entre a manipulação oportunista e apropriação de seu saber e fazer pelas agências de "fomento" ao artesanato, federais e estaduais, de um lado e, reprimidos pelo colonialismo regional, submetidos pelos representantes locais dos interesses e políticas alienígenas de outro. Resta-lhes, enquanto é tempo, a busca de sua consciência de grupo, de categoria e de classe, como caminho derradeiro para livrar a cultura popular de continuar sendo a sobra submissa de uma cultura dominante.

Muitos são os artesãos que, superando a si próprios, rompendo com as formas de repressão, tutela e dominação disfarçadas por rótulos protecionistas de ajuda e apoio, descobriram a trilha de sua liberdade.

As associações de artesãos são este estágio. Ali, no seu interior e entre os seus pares, a cultura da classe e a sua prática são ao mesmo tempo o caminho e a caminhada.

Falta ainda um longo caminhar para a grande maioria da população artesã deste país. Muitos perderam a noção das próprias pernas, outros tantos se esqueceram como se caminha e alguns temem a caminhada. Manipulados de todas as formas, estes artesãos foram, paulatinamente, perdendo a sua condição de sujeitos da criação artesanal, passando a meros tarefeiros e repetidores de formas estranhas a si mesmos e ao contexto em que vivem; perderam também a capacidade de lutar pelo valor econômico de seu próprio trabalho e esforço, sendo substituídos pela demarcação de suas "mercadorias" pelos atravessadores oficiais e particulares.

De agentes populares da cultura transformaram-se em tarefeiros submissos e mal remunerados da sociedade de consumo. A descoberta desta situação acontecerá e um novo tempo surgirá. Neste momento, o horizonte da cultura popular será a cultura de classe e a cultura da classe será o saber do homem-cidadão, respeitado, libertado, feliz, assim como *"as flores não brotam sem antes a chuva e as palavras não caminham adiante dos gestos"*³

"Certas utopias são possíveis; é preciso querer vivê-las."

Tião Rocha

¹ Carlos Rodrigues Brandão, in "A Cultura do Povo, A Prática da Classe" – Documento, março 1980, SP

² Idem, idem

³ Idem, ibidem